

"EU SÓ NÃO SEI SE POSSO": DEFICIÊNCIA VISUAL, ESCOLARIZAÇÃO, AEE E A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO DE VIDA

Ademilson dos Santos Oliveira
ademilsonso12@gmail.com
Licenciado em História
Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus IV

Raulindo de Oliveira Souza
raulfonte13@gmail.com
Licenciado em História
Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus IV

RESUMO

O presente estudo constitui um relato de vida que investiga a trajetória de escolarização e emancipação de uma pessoa com deficiência visual, focalizando as marcas subjetivas da exclusão, o impacto do apagamento institucional e o papel transformador do Atendimento Educacional Especializado (AEE). O problema de pesquisa problematiza como a interrupção da escolarização na infância marcada por uma frequência escolar na zona rural junto aos primos sem o devido registro oficial e o peso das barreiras institucionais moldam a autoimagem de um sujeito, e de que maneira o encontro com a escuta pedagógica e o Sistema Braille resgata o direito de sonhar. A justificativa pauta-se na necessidade de valorizar as narrativas biográficas na Educação Especial, superando abordagens puramente clínicas. O referencial teórico apoia-se nos estudos sobre narrativas de vida e na perspectiva socioantropológica da deficiência. Os objetivos consistem em historiar a trajetória de José (nome fictício) desde a infância compartilhada com os primos em uma turma multisseriada na zona rural de Jacobina, o doloroso período em casa até os 25 anos após descobrir que não possuía registro escolar oficial, até o recomeço na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e o ingresso no ensino superior e pós-graduação. Metodologicamente, adota-se a pesquisa qualitativa de cunho biográfico-narrativo, a partir de relatos de vida sistematizados em dimensões de barreiras e práticas de acolhimento

Palavras-chave: Relato de vida. Deficiência visual. Atendimento Educacional Especializado. Invisibilidade institucional.

Sessão Temática: Educação Especial e Práticas Pedagógicas Inclusivas.



INTRODUÇÃO

As trajetórias de pessoas com deficiência no âmbito da educação muitas vezes são marcadas por silenciamentos, isolamentos, rupturas e barreiras invisíveis que vão muito além da falta de materiais adequados. Assim, abordamos como tema central deste trabalho a narrativa de vida de José, um homem que frequentou os anos iniciais na zona rural do município de Jacobina, na mesma sala de aula que seus primos, irmãos e amigos, mas que, ao concluir aquela etapa, se deparou com eles seguindo as suas trajetórias escolares na sede, viu-se confinado ao espaço doméstico e da zona rural até os 25 anos, quando mesmo com o receio da família busca galgar novos caminhos e identidades.

O que move este relato biográfico é a busca por compreender de que maneira as marcas do capacitismo, o isolamento, como também a descoberta que José e sua família têm na busca de retornar à escola e se deparar com a invisibilidade burocrática ao constatarem na Secretaria Municipal de Educação que não havia registro oficial de sua matrícula na infância, tornando-o "inexistente" para o sistema educacional. Assim, afetando diretamente a identidade do sujeito, pois, apesar do esforço que a professora tinha para incluir o aluno nas atividades, o mesmo percebeu que, de fato, para o mundo, ele não era estudante, pois não tinha como provar; não era cidadão, pois não votava nos pleitos eleitorais, e lhe faltava buscar essas identidades. José deixou-se abater e continuou em busca, matriculando-se em uma escola da sede para recomeçar.

O caso José mostra como a intervenção pedagógica humanizada pode reconstruir a expectativa de futuro. Portanto, este trabalho também busca mostrar a relevância da temática por expor feridas institucionais e sociais profundas, evidenciando que a exclusão escolar fere não apenas o direito à educação, mas nega a própria história de vida das pessoas com deficiência. Assim buscamos narrar e analisar essa trajetória de reencontro com a escolarização, destacando os marcos de virada em direção à materialização de seus projetos de vida demarcando o lugar de protagonismo que é de direito de todos.

METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, estruturada sob a modalidade de relato de vida (pesquisa biográfico-narrativo). O campo empírico é a trajetória existencial e escolar de José, reconstituída a partir de suas próprias memórias, relatos e vivências compartilhadas durante sua passagem pela escola campo, pela EJA, pelo Atendimento Educacional Especializado (AEE) e pelo ambiente acadêmico de nivel superior. Os



procedimentos metodológicos consistiram na escuta sensível e na análise reflexiva da narrativa biográfica, organizando os episódios marcantes em eixos temáticos: a infância na zona rural de Jacobina estudando ao lado dos primos, o término dessa fase seguido pelo isolamento em casa, o impacto emocional de descobrir que o Estado havia apagado sua passagem escolar prévia, o recomeço adulto, o deslumbramento com o Braille (“amor ao primeiro toque”), e os enfrentamentos no ensino superior. A análise dos dados priorizou a preservação da dimensão afetiva, subjetiva e emancipatória do relato.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os achados, ancorados na voz e nas experiências de José, revelam que a deficiência, por si só, não constituiu o principal elemento limitador de sua trajetória escolar. As dificuldades estiveram relacionadas, sobretudo, à presença de barreiras pedagógicas, institucionais, ambientais e atitudinais que restringiam sua participação e aprendizagem. O relato evidencia as experiências de uma infância escolarizada na prática, em uma escola da zona rural, onde José compartilhava o espaço escolar com seus primos. Nesse contexto, mesmo diante da ausência de recursos específicos, a professora buscava realizar algumas adaptações para favorecer sua participação, como ampliar o tamanho das informações escritas e utilizar materiais que facilitassem sua visualização. Em determinadas atividades, recorria a registros ampliados e ao uso de recursos como o hidrocor. Foi nesse período que José começou a reconhecer algumas letras e a estabelecer seus primeiros contatos com a escrita escolar.

Apesar dessas iniciativas, muitas experiências permaneciam inacessíveis. Atividades recreativas que envolviam correr, esconder-se, localizar colegas ou deslocar-se rapidamente pelo espaço representavam dificuldades para José, especialmente diante da ausência de adaptações que considerassem suas necessidades de acesso e participação. Dessa forma, enquanto determinadas práticas eram vivenciadas pelos demais colegas como parte natural do cotidiano escolar, para José constituíam situações que exigiam maior esforço e, por vezes, resultavam em participação limitada. Somadas às barreiras pedagógicas e ambientais, também foram relatadas experiências de preconceito e bullying. Nesse conjunto de obstáculos, emerge ainda uma barreira aparentemente simples, mas profundamente significativa: o acesso ao livro didático. Segundo José, esse material, presente no cotidiano escolar, nunca esteve efetivamente acessível às suas condições de visualização, evidenciando como a ausência de recursos acessíveis pode transformar um instrumento básico de aprendizagem em mais uma barreira à participação escolar.

Após essa fase, ocorreu uma interrupção em sua trajetória escolar. José permaneceu em casa enquanto seus familiares continuavam os estudos, situação que se estendeu até a vida adulta. Aos 25 anos, decidiu retornar à escola e, nesse processo, deparou-se com uma barreira de natureza institucional: a ausência de registros que comprovassem sua passagem anterior



pela escola. Segundo seu relato, a inexistência dessa documentação fez com que, para o sistema educacional, sua trajetória escolar anterior não pudesse ser reconhecida, como se ele “nunca tivesse estudado”. A essa experiência somaram-se situações de capacitismo vivenciadas ao longo de sua trajetória, que contribuíram para a construção de inseguranças em relação às suas próprias possibilidades acadêmicas. É nesse contexto que emerge uma frase significativa de seu relato: “Eu quero fazer Direito ou História... Só não sei se posso”. A fala surgiu quando uma professora lhe perguntou sobre suas perspectivas profissionais e evidencia as incertezas que acompanhavam seus projetos de futuro. A partir desse momento, José passou a reconstruir sua relação com a escola e com seu próprio percurso acadêmico. O ingresso em uma nova escola, o acolhimento recebido pela Secretaria de Educação e o acesso à sala de recursos contribuíram para esse processo, ainda que a frequência ao atendimento no contraturno fosse dificultada pelas condições de transporte, fazendo com que, em algumas ocasiões, não tivesse acesso ao atendimento.

O contato com o Atendimento Educacional Especializado (AEE), com o Sistema Braille e, posteriormente, com tecnologias assistivas constituiu um marco em sua trajetória. Esses recursos ampliaram suas possibilidades de acesso à leitura, à escrita e às atividades escolares, favorecendo maior autonomia e participação. Aliados à persistência do próprio estudante, esses apoios contribuíram para que José prosseguisse sua escolarização, concluísse o Ensino Médio, ingressasse na universidade e realizasse a graduação em História, área que já fazia parte de seus projetos, chegando posteriormente ao mestrado. A trajetória relatada evidencia, portanto, um percurso marcado por interrupções, barreiras e reconstruções. O acesso a recursos de acessibilidade, ao AEE e a práticas pedagógicas mais adequadas não eliminou as dificuldades enfrentadas por José, mas ampliou suas possibilidades de participação e continuidade dos estudos, permitindo que um projeto acadêmico inicialmente marcado pela dúvida, “só não sei se posso”, se concretizasse ao longo de sua trajetória educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando os objetivos do estudo, o relato de vida de José demonstra que a educação inclusiva autêntica exige muito mais do que boa vontade; requer o reconhecimento da dignidade humana e a reparação de dívidas históricas e institucionais. Os principais achados confirmam que a trajetória de pessoas com deficiência visual é construída na tensão entre o apagamento sistêmico e o desejo inextinguível de aprender e pertencer.

Como limitação, aponta-se a singularidade da narrativa de um único sujeito, cuja força serve de espelho para a realidade de muitos outros estudantes marginalizados pela burocracia e pelo preconceito. Conclui-se que a história de José nos convida a abandonar o olhar da piedade ou da exceção, reafirmando



que uma escola inclusiva não dita os limites de um ser humano, mas retira os obstáculos institucionais e atitudinais para que cada sujeito recupere sua história e descubra até onde é capaz de chegar.

REFERÊNCIAS

DINIZ, Débora. *O que é deficiência*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

DI MARCO, Victor. *Capacitismo: o mito da capacidade*. Belo Horizonte: Letramento, 2021.

JANNUZZI, Gilberta de Martino. *A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI*. Campinas: Autores Associados, 2004.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?*. São Paulo: Moderna, 2003.

OLIVEIRA, Ademilson. *"Eu só não sei se posso": deficiência visual, escolarização, AEE e a construção de um projeto de vida. Relato de Vida e Formação*. Jacobina, 2026.